

# O Relativismo é um Niilismo?

## Esboço de uma Ética e de uma Espiritualidade Pós-humanista.

Marcello Peixoto Bax\*

### Resumo

Segundo Lima Vaz (2012) o vínculo que nos ligará aos agentes da civilização que prevalecerá no século XXI é a interrogação sobre as *razões de viver* (o sentido da vida). Sob olhar filosófico-teológico, o artigo pretende discutir o esboço de uma ética pós-humanista: que mundo legar às futuras gerações? que atitudes promover? As respostas clássicas da filosofia à questão do sentido da vida perderam adesão: não há mais cosmos (gregos); não há mais fé comum; e as grandes utopias desvaneceram-se todas, marxismo, comunismo, fascismo, socialismo e até o capitalismo. Que fundamentos podem então garantir uma "verdade moral", absoluta? Sem referência racional com relação ao sentido da vida, como viver? Lima Vaz afirma ser essa a missão da filosofia neste século. Por outro lado, Sponville revela que nos anos 1960 o relativismo era uma quase-evidência. Althusser, Lévi-Strauss e Foucault influenciaram demais para que se pudesse defender, à época, qualquer posição absolutista. De lá para cá, "relativismo" se tornou, contudo, um qualitativo pejorativo. A crítica contemporânea é a de que ele levaria necessariamente ao niilismo, pois "se tudo vale, nada vale". É quando o "politicamente correto" deixa de ser respeito e transforma-se em ausência de valores (niilismo). O artigo investiga o caso: o relativismo é de fato um niilismo? Revendo a literatura em busca de respostas, a pesquisa contrasta e sintetiza brevemente três éticas que propõem desvelar o sentido da vida, as razões de viver. Uma teológica e duas filosóficas. O artigo parte de uma concepção de humanismo e apresenta doutrinas contemporâneas que buscam uma espiritualidade pós-humanista. Em seguida, o argumento principal do artigo estrutura-se, em consonância com a doutrina sponvilliana, respondendo às perguntas: é possível um fundamento moral? porque ser relativista? porque o relativismo não é um niilismo?

**Palavras-chave:** Absolutismo; Relativismo; Niilismo; Ética; Humanismo; Pós-humano.

### 1. Introdução

*« L'homme n'est pas mort : ni comme espèce, ni comme idée, ni comme idéal. Mais il est mortel ; et c'est une raison de plus pour le défendre » (Comte-Sponville, 2000).*

Segundo Lima Vaz (2012, p.284) o vínculo que nos ligará aos atores da civilização que prevalecerá no Séc. XXI, é a interrogação sobre as *razões de viver* (o sentido da vida).

*"[...] encontramos-nos em face do dilema de irrecusável alcance metafísico, que já se delinea diante de nós e adquirirá sem dúvida dramaticidade intensa na cultura do século XXI. Tal dilema irá provocar um novo surto do pensamento metafísico [...]. Na relação de objetividade que prevalece na nossa cultura, a realidade do mundo passa a oscilar cada vez mais entre a objetividade produzida pela atividade técnica [...] de um lado e, de outro,*

---

\* Doutor, Universidade Federal de Minas Gerais, bax@ufmg.br.

*a objetividade dada ao ser humano na sua experiência original e fundante [...] da transcendência do Ser sobre a finitude dos seres. Ora, essa experiência propriamente metafísica implica, em última análise, [...] a posição de um Absoluto na ordem da existência.”* (Lima Vaz, p266)

A julgar pelos resultados da grande pesquisa dos valores europeus (*European Values Studies*<sup>†</sup>), parece ter razão Lima Vaz sobre a necessidade humana em propor um valor absoluto. Conforme a pesquisa a Europa permanece o único continente onde o processo de secularização iniciado com o Iluminismo continua. Contudo, mesmo na Europa, alguns autores, como p.ex. Anzenberger, afirmam que o colapso da prática religiosa não levou necessariamente à perda da crença, mas sim à sua desregulamentação e individualização. Segundo eles, o que ocorre de fato é que passa-se da religião herdada para a religião escolhida. Porém, mesmo que a crença individual permaneça, vale perguntar: crença em que? Transcendência ou imanência, absoluta ou relativa? em Deus ou no homem? Se a crença é no homem, que homem? no homem da razão livre, absolutizada no imperativo categórico kantiano? Ou no homem como horizonte de razão relativa? Que tríade verdade-valor-sentido pode-se defender hoje? Depois de Nietzsche e do advento da pós-modernidade, que valores, humanistas ou não, poderão fazer par com uma doutrina de sentido (de salvação) a indicar como viver uma vida plenamente humana no século XXI? Que espiritualidade para o século XXI?

Nesse cenário, alguns filósofos se apressam a oferecer diferentes sabedorias filosóficas: André Comte-Sponville defende a espiritualidade do materialismo ateu de Espinoza; Luc Ferry propõe a "transcendência na imanência", baseado em Kant e na obra de Husserl; Outros filósofos se contentam em sondar de um ponto de vista fenomenológico essa misteriosa abertura para a Alteridade e o Invisível, que permanece mesmo para além da saída de cena da religião (sobretudo na Europa).

Sob olhar filosófico-teológico, o artigo pretende discutir e aprofundar o esboço de uma ética (1) materialista, relativista e pós-humanista, proposta por Sponville, contrastando-a com outras duas éticas transcendentais: (2) aquela, também atea, mas não materialista de L. Ferry e (3) a ética Cristã de Lima Vaz.

Pretende-se no longo prazo caminhar em direção ao esboço de uma ética pós-humanista capaz de nos orientar em nossos mais variados dilemas morais, e nas decisões sobre que mundo legar às futuras gerações? que atitudes promover? Com efeito, as respostas

---

<sup>†</sup> European Values Studies, « *Religion: Church attendance – Confidence in the church – Importance of God – Traditional beliefs* », <http://www.europeanvaluesstudy.eu/evs/research/themes/religion/> (acesso 5 setembro, 2014).

clássicas da filosofia à questão do sentido da vida perderam adesão: não há mais cosmos (gregos), não há mais uma fé comum tão forte ou grandes utopias (marxismo, capitalismo,...). É possível ou desejável garantir uma "Verdade Moral", absoluta? Carecemos de um tal fundamento absoluto? Sem ao menos uma referência racional com relação ao sentido da vida, como viver? Lima Vaz afirma ser essa a missão da filosofia do Séc XXI.

*"[...] desaparecida aos olhos da razão a medida axiológica da realidade em cujo horizonte se eleva a ideia do Ser como bem em-si, não resta ao agir humano senão a errância no espaço anômico do niilismo."* (Lima Vaz, 2012, p.283)

*"[...] a reflexão **sobre os fundamentos da ética**, tarefa que se imporá sempre mais imperiosamente à reflexão filosófica, irá exigir uma recuperação do esquecimento do Ser para além das fronteiras da razão operacional e uma retomada do exercício da Erinnerung metafísica"* (Lima Vaz, 2012, p.283).

Contrapondo-se à exigência de um absoluto moral e aprofundando na ética sponvilleana, o artigo investiga o caso: o relativismo é de fato um niilismo? Revendo a literatura, a pesquisa esboça e contrasta de forma sintética (excessivamente) as três filosofias acima cujas espiritualidades propõem desvelar o sentido da vida, as razões de viver. O argumento se estrutura respondendo às perguntas: porque ser relativista? que fundamento para a moral? origens da moral? diferenças entre o relativismo e niilismo? Espera-se mostrar, finalmente, que o relativismo não é um niilismo e com isso iniciar o esboço de uma possível ética pós-humanista.

## 2. Humanismo

*"Não se trata de acreditar no homem, nem de desprezá-lo, muito menos de odiá-lo. Trata-se de conhecê-lo e de reconhecê-lo em cada um. Este é o verdadeiro humanismo, que não é uma religião, mas uma moral. Isso não significa que eles (os homens) são todos iguais, mas todos eles são humanos e merecem o nosso respeito: iguais não em fatos e em valor, o que a experiência basta para desmentir, mas em direitos e em dignidade, se o quisermos."* (Sponville, 2011)

Conforme o dicionário Merriam-webster<sup>‡</sup>, o Humanismo é uma visão ou sistema de pensamento que associa importância primordial às questões humanas, em vez de divinas ou sobrenaturais. Crenças humanistas realçam o valor potencial e a bondade dos seres humanos, enfatizam as necessidades humanas comuns e a busca por formas exclusivamente racionais de resolver problemas humanos. Foi um movimento cultural da Renascença que se afastou da escolástica medieval e reavivou o interesse no pensamento antigo, grego e romano. Sua

---

<sup>‡</sup> <http://www.merriam-webster.com/dictionary/humanism> (acesso em 5 de setembro, 2014)

difusão foi facilitada no século XIII pela publicação das ideias dos clássicos gregos, em Latim e em idioma vernacular.

É um sistema de pensamento criticado por alguns contemporâneos como sendo centrado excessivamente na noção do eu racional e autônomo, ignorando a natureza não integrada e condicionada do indivíduo.

Desacreditado por basear a crença na razão iluminista e não na fé, o humanismo, bem como as outras respostas clássicas da filosofia à questão do sentido da vida, perderam adesão. Que fundamento pode garantir uma "verdade moral", absoluta? Sem referência racional com relação ao sentido da vida, como viver? Eis o apelo, do ponto de vista ético e espiritual, por um novo humanismo.

*“Paremos de culpar as pessoas por não serem deuses ou anjos. Perdoemo-nos por não serem mais do que são (animais), e eis que se apresentam em toda a sua glória. Que espécie animal mais extraordinária, mais inteligente, mais criativa, mais amorosa? Ela é também egoísta, predatória e destrutiva? Certamente. No entanto, é a única espécie que se preocupa com a ecologia, com os direitos humanos e até mesmo os direitos dos outros animais.”* (Sponville, 2011).

## **2. Apelo pela espiritualidade de uma ética pós-humanista (novo humanismo)**

Segundo Anzenberger (2014), as espiritualidades contemporâneas giram em torno de três eixos: a *ortodoxia* (pensamento correto), *ortopraxis* (ação justa) e *orthopathie* (justo sentir). Elas têm o seu alicerce na ambição de explorar uma terceira via entre ultrapassar o niilismo filosófico e combater o fundamentalismo religioso. Nas palavras de Comte-Sponville:

*“Eu odeio o obscurantismo, o fanatismo, a superstição. Eu gosto menos ainda do niilismo e da falta de caráter. A espiritualidade é importante demais para ser deixada para os fundamentalistas. A tolerância, valiosa demais para ser confundida com a indiferença ou indolência. Nada seria pior do que deixar-nos trancar em um cara-a-cara entre o fanatismo mortal deles - independentemente de que religião professam - e o niilismo dos outros. Melhor é combatê-los todos, sem confundi-los e sem cair neles. A laicidade é o nome desta luta. O desafio, para os ateus, é inventar a espiritualidade que vai com ela.”* (Sponville, 2006).

O pano de fundo se estabelece. Nem o niilismo filosófico, nem o fundamentalismo religioso. « *Faire bien l’homme* », como dizia Montaigne, é certamente uma dimensão essencial da nossa existência. Isso, contudo, não nos basta. O que é a espiritualidade? Uma

espiritualidade não se limita a uma moral, e em consequência precisa ir além do humanismo. Precisa ir além da nossa relação com a alteridade, no sentido do outro como ser humano. Para Comte-Sponville, inspirado em Espinoza e no oriente, a espiritualidade pressupõe a relação entre nosso corpo finito e o infinito do universo, nossa relatividade e o absoluto do Todo, nossa temporalidade com a eternidade. O oriente nos inspira a seguinte definição de espiritualidade: tomada genericamente, espiritualidade seria *a vida do espírito (mente), especialmente em sua relação com o infinito, eterno, o absoluto. A humanidade é apenas uma pequena parte disso, que só é grande por sua capacidade de saber isso e aceitar* (Sponville, 2012).

Comte-Sponville sonha, nesses termos, uma espiritualidade para o ano 2050:

*“Uma espiritualidade que me prometa outra coisa que a sobrevivência pessoal. Apegar-se ao seu caro pequeno eu, a essa idade ou a minha (60 anos), o que poderia ser mais compreensível - já que vai morrer - e mais irrisório? Eu sonho com uma espiritualidade que iria me ajudar, ao contrário, a amar e aproveitar a vida até o fim, como ela é - única, insubstituível, efêmera - a aceitar serenamente a morte como um convidado satisfeito no final do banquete, dizia Lucrecio, em todo caso, sem implorar não sei que resto de prazer indescritível ou amor. Nada nunca nos é suficiente? Eu sei disso, e é isso que desmente Lucrecio talvez (a saciedade é improvável, se não impossível). Aprenda a aceitar isso também: a insatisfação final, a amargura, a tristeza, o remorso, a nostalgia, a sensação desoladora de ter vivido tão pouco e tão mal. Vida bem sucedida? Isso é uma ilusão do ego. Uma espiritualidade digna desse nome deve visar mais alto, mais largo, nos libertar de nosso eu, tanto quanto possível, ao invés de limitar-nos a ele. A que serve ter um espírito, que nos abre para o universal, se é só para se preocupar com a salvação de sua pequena alma?”* (Sponville, 2012).

Para Anzenberger (2014), a história do pensamento filosófico, o século XXI está em um impasse. Sai o racionalismo cartesiano, o ceticismo de Kant, a dialética hegeliana, a reação existencialista de Kierkegaard, o estruturalismo de Foucault (Bergèse, 2006) ou psicologismo filosófico; é urgente sair da crise filosófica. O mundo está em perigo. Como, no caso da Europa, já tinha sido profetizado por E. Husserl no século passado:

*“A crise existencial Europeia tem apenas dois resultados: seja a decadência da Europa tornando-se estranha à seu próprio sentido vital e racional, a queda na hostilidade ao espírito e à barbárie; seja o renascimento da Europa a partir do espírito da filosofia, através de um heroísmo da razão que definitivamente supera o naturalismo. O maior perigo para a Europa é a apatia.”* (Husserl, 2008).

O filósofo Luc Ferry (2006) reforça o sentimento:

*“O ideal das Luzes cede lugar hoje à uma preocupação difusa e multifacetada, sempre pronta a se cristalizar nessa ou naquela ameaça particular, de sorte que o medo tende a se tornar a paixão democrática por excelência.”* (Ferry, 2006).

## **2.1 Humanismo transcendente: a transcendência na imanência**

É precisamente com base na obra de Husserl sobre a intencionalidade que Ferry propõe uma saída da crise ao defender um humanismo transcendente. Diferente do conceito de transcendência metafísica do pensamento grego (*cosmos*) ou da transcendência divina resultante das grandes religiões monoteístas, Husserl argumenta que qualquer visível se dá sempre sobre um fundo invisível, que qualquer presença implica uma ausência, toda imanência uma transcendência oculta, qualquer objeto presente, algo que se retira. Em outras palavras, "toda consciência é consciência de alguma coisa" (Meditações cartesianas). Transcendência é então um fato, uma constatação, uma dimensão inegável da existência humana gravada no coração da realidade. Trata-se de uma transcendência não metafísica, pós-nietzschiana. De inspiração fenomenológica, Ferry inventa um novo humanismo, um humanismo transcendente.

Ferry conclui:

*“Às transcendências do passado - Deus, a pátria, ou a revolução – nós não substituímos pelo caminho da imanência radical cara ao materialismo, a renúncia ao sagrado, ao mesmo tempo que o sacrifício, mas sim novas formas de transcendências, transcendências "horizontais" em vez de verticais: enraizadas no humano, em seres que estão no mesmo plano que nós, e não em entidades localizadas acima de nossas cabeças.”* (Ferry, 2006) .

Aqui encontramos o duplo movimento caro ao filósofo, a humanização do divino e a sacralização do humano (Ferry, 1996).

## **2.2 Humanismo sem transcendência e não dogmático**

Para Comte-Sponville, nem tudo é necessariamente a rejeitar no materialismo filosófico. Seu raciocínio é de mão dupla: é preciso ir além religiões para voltar ao verdadeiro significado da espiritualidade. O ateísmo de Comte-Sponville não nega a herança cultural do passado. Ele afirma:

*“Não se trata de "inverter todos os valores", como queria Nietzsche, ou mesmo inventar novos. Os valores são conhecidos; A Lei é conhecida. Pelo menos depois de vinte e seis séculos em todas as grandes civilizações existentes na época em que a humanidade tem "selecionado", para citar um darwinista, os grandes valores que nos permitem viver juntos. Isto é o que Karl Jaspers chamou de "Era Axial", a que permanecemos em dívida (...) é a*

*transmissão do passado para as crianças que lhes permite inventar o seu futuro; é por ser um culturalmente conservador que se pode ser politicamente progressista.”*

Comte-Sponville de define como um "ateu fiel não-dogmático": ateu, pois ele não acredita em nenhum Deus nem em qualquer poder sobrenatural; mas fiel, porque se reconhece parte de uma certa história, uma tradição, uma determinada comunidade e, especialmente, nos valores judaico-cristãos. Não dogmático porque reconhece que seu ateísmo não é da ordem de um saber, mas de uma crença, ou antes de uma opinião. Para o filósofo, uma leitura secular imanente do conteúdo e mensagem de Cristo seria suficiente para superar o niilismo.

Da comunidade trinitária de cima, passa-se à comunhão dos homens abaixo: a fé se torna fidelidade. A Esperança dá lugar à ação. Das três virtudes teologais, resta apenas a caridade, o amor *agapé*. Segundo o filósofo já estaríamos no reino, não é preciso esperar, nem crer. Mas é preciso ser fiel aos valores cristãos, aos valores democráticos.

### **2.3 Humanismo cristão da transcendência**

O Evangelho, por sua vez, pressupõe algo mais hermético: uma espiritualidade que exige a fé. Sua raiz é ontológica (ser). O homem é espiritual, porque ele é criado à imagem de Deus. O homem morre espiritualmente, quando se separa de Deus.

Para os teólogos cristão da transcendência, o espírito da modernidade não teria sido capaz de saciar a sede de “maravilhoso” do homem. Só o Evangelho poderia oferecer a solução para um renascimento espiritual, tão procurado em um mundo "desencantado", nas palavras de Max Weber.

*“Que forma do existir irá saciar a fome do ser que se eleva das camadas mais profundas do espírito humano no seu élan incoercível para as expressões mais altas da inteligência e do amor?” (Platão, Fedro, 247 d 3-4).*

Segundo Lima Vaz (2012, p.266) nossos semelhantes no século XXI viverão essa interrogação platônica tanto mais dramaticamente quanto seu mundo será cada vez mais populado por *objetos técnicos* em incessante produção. Poderá tal objetividade técnica se tornar o único alimento à carência metafísica do nosso espírito? Ao contrário, tudo leva a crer, que em meio à abundância sem fim dos objetos técnicos, mais aguda se fará, no ser inteligente e livre, a fome de um alimento mais substancial para o espírito. Onde busca-lo? Na transcendência ou no materialismo? É possível uma espiritualidade ao materialista?

### **3. Porque ser relativista? Pode haver um fundamento para a moral?**

Em uma de suas palestras André Comte-Sponville afirma que na França dos anos 1960 o relativismo era uma quase-evidência. Segundo ele, Althusser, Lévi-Strauss e Foucault influenciaram demais para que se pudesse defender, à época, qualquer posição absolutista. A crítica ao colonialismo implicava em não dar razão ao colonizador que erigia seus valores como absolutamente superiores aos dos colonizados. Era então preciso ser relativista para poder criticar o colonizador. De lá para cá, “relativismo” se tornou, contudo, um qualitativo pejorativo. A crítica contemporânea é a de que ele levaria necessariamente ao niilismo, pois “se tudo vale, nada vale”. Por exemplo, sob um olhar ético relativista, com base em quê valor absoluto condenar-se-ia o fascismo ou o nazismo?

Com relação à possível fundamentação da moral em algum absoluto, o mesmo autor, em sua obra “O Espírito do Ateísmo”, responde a questões decisivas tais como: “pode-se viver sem religião?”, “Os ateus estão condenados a viver sem espiritualidade?”. Análoga à espiritualidade materialista que Sponville propõe, encontra-se uma ética relativista, sugerida na obra de Jean-Marie Guyau<sup>§</sup> (1884). Examinemos a seguir alguns pontos dessa ética “frágil”, sem garantia, porque sem fundamento absoluto para além da verdade e do Ser.

### **3.1 Por uma ética sem fundamento nem garantia**

Denomina-se relativismo toda doutrina que nega a possibilidade de dizer absolutamente a verdade ou o bem. Para o relativismo, todo absoluto está fora de alcance. O relativismo pode ser pensado do ponto de vista teórico e do ponto de vista prático, ou seja, pode ser um relativismo epistêmico ou normativo. Quando todo julgamento de valor é relativo, tem-se o relativismo normativo. Já o relativismo epistêmico afirma a relatividade de todo conhecimento. Declara que não se tem acesso à verdade absoluta; seja por ser esta inexistente ou inalcançável, não conhecível; seja porque só se pode ter um conhecimento relativo desta verdade. O relativismo normativo afirma a relatividade de todo valor e também de todo julgamento ou avaliação. Não temos acesso à nenhuma norma absoluta, todo julgamento de valor é relativo.

Esses dois relativismos, epistêmico ou normativo, podem aparecer em uma doutrina filosófica em par, como por exemplo em Nietzsche que é relativista tanto quanto ao valor como quanto à verdade; ou separadamente como em Kant que professa apenas o segundo, o relativismo epistêmico, na medida em que o absoluto escapa ao conhecimento; ou ainda em Espinoza, relativista quanto ao valor, mas não quanto à verdade.

---

<sup>§</sup> Filósofo e poeta francês, por vezes considerado como o Nietzsche francês.



Sponville segue uma ética espinozista, relativista quanto ao valor, mas não quanto à verdade. Contudo, seu relativismo epistêmico é acompanhado por uma distinção entre as noções de verdade e de conhecimento; i.e., se toda verdade é absoluta, universal, eterna, objetiva, independente de qualquer sujeito que seja, todo conhecimento é relativo, particular e histórico. Seu racionalismo absoluto de inspiração espinozista vem acompanhado de um relativismo epistêmico que Pascal e Hume, antes de Kant e Popper, lançaram as bases. Portanto para Sponville não existe “verdade científica”, existiria apenas “conhecimento científico”. Entretanto todo conhecimento só é possível se acompanhado da ideia de verdade, ou seja, se pensado na norma da verdade dada ou possível.

Mas o tema que importa aqui é a ética, o que nos interessa então é o relativismo moral, prático ou normativo. Para esse relativismo não existe valor absoluto. Todo valor ou norma são relativos, quer dizer dependentes de um certo corpo, de um certo ponto de vista, de uma certa cultura ou história. Ou seja relativos a um conjunto de fatos, eles mesmos, em última análise, sem valor.

Por que adotar um tal relativismo moral? Essencialmente pelas quatro razões, tratadas a seguir.

A primeira razão é empírica. Ela se apoia na diversidade dos valores que são diferentes conforme a região, a época ou o grupo humano e mesmo na diversidade de filosofias morais. Não que não se possa comparar duas culturas diferentes, mas tal comparação somente pode ser feita do interior de dada referência de valores, ou seja, de forma sempre relativa. Trata-se de um argumento montaigniano: a moral constitui-se a partir do costume. É essa também a posição que o etnólogo Lévi-Strauss, caracterizada como um relativismo “*sans appel*”.

A segunda razão para ser relativista é ontológica. Se tudo o que existe é matéria ou produto da matéria, não poderia existir norma ideal, transcendente ou absoluta. Os valores existem apenas para certos corpos vivos, por exemplo os seres humanos. E relativamente a eles. É um argumento inspirado de Epicuro ou também de Marx. Ou seja um argumento de quem se declara materialista. Não há justiça em si, a justiça para Epicuro não é uma coisa em si. Não há justiça absoluta. Mas ela vale apenas dentro de um grupo determinado. Para Epicuro, em última análise, nada existe além de átomos e vazio. O que não significa que valores não existem. Significa que os átomos e o vazio não tem moral. Mas claro que não significa que os humanos não os tenham.

Uma terceira razão vem da lógica. Seria um argumento humiano: não se pode passar, de forma logicamente válida, do “ser” ao “dever-ser”, do descritivo ao normativo. Da

declaração de um fato ou uma verdade à declaração de uma norma. Não existe moral científica, nem moral verdadeira. Entretanto conhecer ou dizer a verdade de uma moral é possível. Uma ciência da moral é possível e não é o mesmo que dizer uma moral verdadeira. Pode-se aqui fazer alusão à metáfora do “*grande livro*”, pela qual Wittgenstein expressa uma parte de sua concepção sobre a ética. O grande livro de Wittgenstein, é um exercício de pensamento que considera, por hipótese, a existência de um livro que conteria todos os fatos do mundo, a descrição completa do mundo. Segundo Wittgenstein, nesse livro estariam inscritas proposições factuais e mesmo interpretações, que são fatos; mas não haveria nenhuma proposição ética. A linguagem permite a descrição de fatos e a expressão de valores relativos (que são fatos), mas não a expressão de valores absolutos (Wittgenstein). Ou seja a dualidade radical entre teoria e prática não permite confundir a verdade com o bem.

A quarta razão baseia-se na antropológica fundamental: somos seres de ação, mais do que de razão. O desejo é a essência do homem. A razão serve a conhecer, o desejo a avaliar. Trata-se de um argumento espinozista: a razão conhece uma verdade que existe independentemente dela, enquanto o desejo porta sobre um valor que não preexiste a ele, mas que ele mesmo faz nascer. O desejo determina o valor daquilo que ele avalia. Como diria Espinoza: “Em Deus tudo é verdade, mas nada vale”. Dito de outra forma: não é porque uma coisa é boa em si que eu gosto dela. É porque eu gosto dela que ela se torna boa, para mim. Contudo, que um valor seja relativo, isso não o anula. Ao contrário, é exatamente o que o permite existir e valer relativamente. A razão vale apenas na proporção do desejo de razão. O homem é um animal desejante, racional e normativo. Não se deve absolutizar suas normas, o que faria do homem um Deus. Nem abolir tais normas, o que equivaleria a renunciar a humanidade.

Com os quatro argumentos acima, Sponville justifica seu posicionamento relativista quanto à moral. Entretanto, se a moral não tem fundamento, ela tem origens, afirma o autor. As origens da moral seriam: a vida, a sociedade, a história, a razão. Todas essas noções que não são fundamentos, são entretanto origens possível e plausíveis da moral. As quatro juntas produzem a moral. Pensa-las em conjunto, e mesmo em suas contradições possíveis, pois nem sempre elas apontam na mesma direção, pode nos ajudar a resolver boa parte dos nossos problemas morais.

Ou seja, a moral existe e vale para os homens e isso não impede à moral de suscitar a adesão: não há moral absoluta, nem civilização sem moral. Um fundamento moral faria convergir a verdade e o valor. O que só é possível em Deus. Deus é um fundamento possível para a moral. Mas o problema é que não se procura um fundamento possível (o que seria, no

limite, uma contradição nos termos), mas um fundamento necessário e conhecível. Não há um fundamento da moral, mas a moral existe de fato.

Em resumo, para Sponville a moral não é absoluta. Toda moral é relativa e ainda desapropriada de qualquer fundamento. Mas esse relativismo implicaria ou seria um niilismo? São posições idênticas ou uma implicam uma na outra? A moral de um nazista vale tanto quanto a moral de um progressista democrata? Se tudo se vale, então nada vale, e o relativismo seria um niilismo. Desse ponto trata a próxima seção.

#### **4. Porque o Relativismo não é um Niilismo?**

*“Méfions-nous du politiquement correct ! Si tout se vaut, rien ne vaut : ce n'est plus respect mais nihilisme”*. Sponville (2014).

Sponville evoca seis razões que nos ajudam a entender porque o relativismo não é um niilismo ou equivaleria ao niilismo.

Uma primeira razão é semântica: “relativo” e “nada”, não são termos sinônimos. Porque relativismo e niilismo o seriam? A segunda razão vem da história da filosofia: vários filósofos na história do pensamento humano adotaram posições relativistas, mas não podem ser considerados niilistas. Uma terceira razão é ontológica: ou seja, no campo do ser, o absoluto é uma surpreendente exceção, pois toda existência significa dependência. A relação é a lei da existência. Ser absoluto é não depender de nada. Tudo é relativo exceto o Todo ele mesmo. A moral não é o todo, mas está dentro do todo, e logo ela não pode ser absoluta.

A quarta razão é lógica: o relativismo somente implica o niilismo, do ponto de vista do absolutismo. Se todo valor é relativo, eles se equivaleriam apenas do ponto de vista de um absoluto. O absoluto é para além do bem e do mal, como dizia Nietzsche. Só há moral para o homem. Não há moral absoluta, mas isso não significa que a moral não existe. Existe relativamente aos homens. Vale para os homens. A generosidade e o egoísmo são idênticos do ponto de vista do absoluto, mas isso não significa que, do ponto de vista das civilizações, a generosidade não seja superior ao egoísmo. Sobre isso todos os homens estão de acordo, mesmo os egoístas.

A quinta razão é semântica, lógica e história. A relatividade da moral, do ponto de vista metafísico, não impede que ela seja universalizável em direito. Portanto fenomenologicamente Kant teria razão, mas não metafisicamente. O termo absoluto é contrário do termo relativo, universal é contrário de particular. Dessa forma, pode-se pensar a relatividade e a universalidade juntos. A história produziu os direitos humanos. Felizmente,

sua universalização crescente não necessita que esses direitos do homem sejam absolutos. O universal não está atrás de nós, nem embaixo de nós ou dentro de nós como um fundamento, mas está, sim, diante de nós como um ideal, como uma ambição. Ser relativista não é recusar o universal mas recusar a absolutiza-lo.

A sexta e última razão é que o niilismo é desmobilizador. Se tudo se vale, nada vale. Não há, nesse caso, razão para lutar por qualquer coisa que seja. É o paroxismo do “politicamente correto”, que não é mais respeito, mas niilismo. O relativismo por outro lado é mobilizador. Que o absoluto não seja antinazista não é uma razão para não lutar contra o nazismo. Lutar é a única forma de vencê-lo. Se o absoluto fosse antinazista, poderia-se deixá-lo fazer o trabalho. Ou seja, um valor relativo não é uma nada de valor.

## 5. Conclusão

À guisa de **conclusão** da pesquisa, surgem vários comentários, dos quais pode-se adiantar:

No terreno teológico, onde situa-se a proposta de Lima Vaz, o *niilismo* ético é consequência da rejeição dos fundamentos metafísicos da ética. Sob o olhar teológico da ética, esse autor defende a volta à intuição tomásica, como caminho de futuro para uma teologia;

*“[...] Parece, pois, não restar à teologia outro caminho para o reencontro consigo mesma, na sua autêntica figura histórica, senão o de repensar e refazer, dentro do novo universo cultural em que passa a ser praticada, a relação multissecular com a filosofia clássica, que encontrou uma expressão emblemática no pensamento e na obra de Tomás de Aquino.”* (Lima Vaz, 2012, p.265)

Já no solo filosófico, L. Ferry propõe uma doutrina laica, de viés Kantiano, baseada na obra de Husserl. Uma “transcendência imanente”. Ética do humano divinizado, do homem-Deus; ética que Comte-Sponville rejeita. O relativismo axiológico, mas “semi-epistêmico” - porque não relativiza a verdade, mas apenas o conhecimento - de Comte-Sponville aponta para uma ética existencialista, relativista mas não niilista, inspirado em Espinoza: o homem não é “a medida de todas as coisas”; a verdade e o ser são os dois únicos absolutos. Para L. Ferry, a razão descolada da natureza absolutiza-se nos ideais racionais do bem e da verdade; para Comte-Sponville ela (a razão) é apenas relativa, situada dentro do absoluto que a engloba, o universo. Para Ferry o sentido da vida é o amor; para Comte-Sponville, a vida não tem sentido absoluto, o amor não é o sentido, embora crie sentido, dê sentido à vida. Para L. Ferry o absoluto é a liberdade, a razão livre; para Comte-Sponville, não há outro absoluto

além do real (conjunção da verdade e do ser). Para Ferry o essencial é o homem: o mundo gira em torno, o mundo nada mais é do que aquilo que o homem conhece; para Comte-Sponville o essencial seria antes o mundo: o homem está nele, o homem é apenas um dos efeitos (singular, por certo) do mundo. Resumindo, L. Ferry é um filósofo da "transcendência na imanência"; Comte-Sponville seria, ao contrário, um filósofo da imanência, do que Espinoza chamava de natureza ou necessidade. Humanismo (mas não metafísico<sup>\*\*</sup>) ou materialismo (mas não dogmático).

O pós-humanismo não metafísico de Comte-Sponville pode ser entendido como um "anti-humanismo teórico", ou humanismo prático. O seu relativismo ético escapa entretanto do niilismo, segundo ele próprio, porque o seu anti-humanismo teórico é necessariamente acompanhado de um humanismo prático. Os valores defendidos são os direitos universais do homem, que exatamente por não serem absolutos, precisam ser defendidos. Protegidos de todo dogmatismo e transmitidos de geração a geração. Assim ele defende a secularização como uma conquista da humanidade em seu maior grau de desenvolvimento espiritual.

Como reflexão final própria, parece ao autor mais fácil cair no niilismo quando vive-se considerando com já dado o sentido da minha vida, como sendo um sentido transcendental. Se vivo refém de uma moral heterônoma, e não autônoma. Posições anunciadas por Nietzsche e Heidegger. Porém, quando se vive como se a vida não tivesse nenhum valor extrínseco a ela própria, ou seja transcendente, então só pode caber ao indivíduo trazer sentidos para sua vida. Acredita-se assim que o relativismo é mais mobilizador do que o absolutismo transcendente.

Para Sponville os valores espirituais da humanidade, da liberdade, da verdade, da justiça não são entidades sobrenaturais. E, por isso mesmo, um ateu pode respeitá-las e até mesmo sacrificar-se por eles, da mesma maneira que um crente. Um ideal não é um Deus. Uma moral não faz uma religião. Com efeito, nem toda comunhão é religiosa, pode-se comungar em outra coisa que não o divino ou o sagrado. Uma sociedade pode viver sem deus(es) e sem religião mas nenhuma pode viver sem comunhão (valores) de forma duradoura... nem sem fidelidade.

Segundo Sponville, que todos os seres humanos sejam iguais em dignidade e direitos, não implica em que todas as crenças sejam igualmente verdadeiras e boas (iguais de fato e de valor), e mesmo exclui que assim seja: pois se todos os seres humanos são iguais em direitos e dignidade, uma crença que afirme essa igualdade para todos é superior, pelo menos, a partir desse ponto de vista, que uma crença que negue essa igualdade. E se uma religião é a

---

<sup>\*\*</sup> Descondando de Kant do ponto de vista metafísico, embora dando-lhe razão fenomenológica. O homem vive como se os valores se impusessem de fora de sua razão livre.

verdadeira, como comumente pensam seus seguidores, é legítimo que aqueles que a professam, a julguem superior a todas as outras. É preciso por isso desprezar aqueles que pensam de forma diferente? Que todas as religiões não sejam iguais, isso não significa que todos os seres humanos, independentemente de sua religião ou falta dela, sejam iguais em direitos e dignidade.

Em resumo, tem-se o direito de criticar qualquer crença ou ideologia. E os democratas estariam errados de não lutar contra os radicalismos que os combatem. Todas as opiniões não são iguais, mas nenhuma é aceitável que faça crescer o ódio, o desprezo, a violência.

Finalizemos com as palavras de Sponville (2014): *“acreditar ou não em um determinado Deus, trata-se de questão privada. É-se livre para acreditar ou não neles, e o estado deve garantir esta liberdade. É a luta comum a todos os democratas. Seu nome é laicidade.”*

## Referencias Bibliográficas

André Comte-Sponville. **Toutes les croyances ne se valent pas. Vive la laïcité !** 2014.  
[http://www.lemondedesreligions.fr/mensuel/2014/64/toutes-les-croyances-ne-se-valent-pas-vive-la-laicite-03-03-2014-3709\\_204.php](http://www.lemondedesreligions.fr/mensuel/2014/64/toutes-les-croyances-ne-se-valent-pas-vive-la-laicite-03-03-2014-3709_204.php) (acesso 5 setembro, 2014).

\_\_\_\_\_. **Présentations de la philosophie.** Albin Michel, 2000.

\_\_\_\_\_. **Quelle spiritualité en 2050 ?** CHRONIQUE. Le monde des religions. 2012  
[http://www.lemondedesreligions.fr/chroniques/philosophie/quelle-spiritualite-en-2050-01-09-2012-2666\\_167.php](http://www.lemondedesreligions.fr/chroniques/philosophie/quelle-spiritualite-en-2050-01-09-2012-2666_167.php) (acesso 5 setembro, 2014).

\_\_\_\_\_. **L'esprit de l'athéisme** (Paris : Albin Michel, 2006), 10.

\_\_\_\_\_. **Humanisme.** 2011.  
[http://www.lemondedesreligions.fr/chroniques/philosophie/humanisme-01-03-2011-1165\\_167.php](http://www.lemondedesreligions.fr/chroniques/philosophie/humanisme-01-03-2011-1165_167.php) (acesso 5 setembro, 2014).

ANZENBERGER, Raphaël. **Les nouvelles spiritualités non chrétiennes : L'engouement contemporain pour la spiritualité.**  
<http://larevuereformee.net/articlerr/n257/les-nouvelles-spiritualites-non-chretiennes-l%E2%80%99engouement-contemporain-pour-la-spiritualite> (acesso 5 setembro 2014).

Bergèse, D. « **Une civilisation désorientée : le naufrage de la quête du sens en modernité tardive** », La Revue réformée, mars 2006, 53-68.

European Values Studies, « **Religion: Church attendance – Confidence in the church – Importance of God – Traditional beliefs** »,  
<http://www.europeanvaluesstudy.eu/evs/research/themes/religion/> (acesso 5 setembro, 2014).

Ferry, L. **Apprendre à vivre** (Paris : Plon, 2006), 245.

\_\_\_\_\_, **L'Homme-Dieu ou le sens de la vie** (Paris : Grasset, 1996).

Guyau, Jean-Marie. **Esquisse d'une morale sans obligation ni sanction**. 1884.

Husserl, E. **La crise de l'humanité européenne et la philosophie** (Grenoble : PhiloSophie, 2008), 95.

Lima Vaz, "**Raízes da modernidade**". Escritos de filosofia VII. 2ª. Edição. 2012

Wittgenstein. **Conferência sobre a ética**.

[http://fr.wikipedia.org/wiki/Conf%C3%A9rence\\_sur\\_l'%C3%A9thique](http://fr.wikipedia.org/wiki/Conf%C3%A9rence_sur_l'%C3%A9thique) (acesso 5 setembro, 2014).